



A MESORREGIÃO DIFERENCIADA GRANDE FRONTEIRA DO MERCOSUL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LOCACIONAL E DA CONCENTRAÇÃO DO EMPREGO FORMAL NOS SUBSETORES ECONÔMICOS (2019 e 2021)

Laudelina Alves Ribeiro

Mestra em Economia (PGE) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Kristianno Fireman Tenório

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Lucir Reinaldo Alves

Doutor em Geografia pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Professor adjunto do Curso de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Moacir Piffer

Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor adjunto do Curso de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO: A pandemia da Covid-19 trouxe diversas mudanças nos diferentes setores organizacionais de nossa sociedade. Este estudo analisou o comportamento locacional e a concentração do emprego formal nos subsetores econômicos da Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM), entre 2019 e 2021. Como metodologia empregou-se o Quociente Locacional (QL) e o Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) com os dados do emprego formal da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Os resultados apontaram que houve um aumento do emprego formal na GFM, com destaque aos subsetores da



indústria mecânica, comércio atacadista e agricultura por exibirem a maior concentração de emprego formal nos municípios no período compreendido. No entanto, a construção civil foi a mais impactada no período, dado que, os setores secundário e terciário foram os mais afetados com a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional. Economia regional. Emprego formal. Subsetores econômicos. Pandemia Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

A Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM), está localizada no Sul do Brasil, entre “o norte do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná”, estados fronteiriços da Argentina, e apresentam características de território similares (Deves; Rambo; Miguel, 2008, p. 2).

Nos anos 1990, o Ministério da Integração Nacional, por meio da criação do Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais (PROMESO), delimitou 13 Mesorregiões Diferenciadas. São chamadas de Mesorregiões Diferenciadas, pois compartilham de atributos homogêneos, como cultura, economia e política, podendo estar presente em um ou mais estados (Secretaria de Programas Regionais, 2007; Ribeiro; Stamm, 2022).

A Mesorregião engloba 396 municípios, que possuem características territoriais em comum, como processo de imigração europeia e descendentes de migrantes vindos do Rio Grande do Sul, cultura originária remanescente, aspectos biológicos e socioeconômicos mais homogêneos, valores políticos e ambientais compartilhados entre seus pares (Deves; Rambo; Miguel, 2008; Ribeiro; Stamm, 2022).

Ainda que possuam essa homogeneidade aparente nos aspectos territoriais, outras dimensões devem ser abordadas, como a expansão ou retração do trabalho por fenômenos de saúde pública. Com a chegada da Covid-19, no Brasil, ocorreram efeitos socioeconômicos expressivos na fronteira, de modo que seus impactos continuam sendo investigados até o momento (Repositório do Conhecimento IPEA, 2020).

A pandemia de COVID-19 teve impactos significativos em todo o mundo, incluindo no Brasil e na Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul. Embora os impactos específicos na economia da região possam variar de acordo com o setor e a atividade



econômica, é provável que a pandemia tenha afetado o Produto Interno Bruto (PIB) regional, assim como de outras áreas do país.

Devido às restrições impostas para conter a propagação do vírus, muitas empresas e setores da economia, como o comércio e o turismo, tiveram que interromper ou reduzir suas atividades, o que pode ter causado impactos negativos no PIB. Além disso, muitos trabalhadores perderam seus empregos ou tiveram suas rendas reduzidas, o que pode ter impactado negativamente o consumo e, conseqüentemente, o PIB da região.

Pelo grande número de municípios, os recortes de governança municipais e estaduais, em 2020, tentaram agir conforme suas próprias especialidades para o controle da Covid-19. Foram necessárias medidas coordenadas e bem articuladas entre as instâncias executivas do Brasil e países vizinhos (Tomé, 2020). Com gradativa contaminação, os casos de coronavírus foram se multiplicando, os principais centros brasileiros estabeleceram decretos, solicitando o fechamento do comércio de bens e serviços não essenciais (Moraes; Silva; Toscano, 2020).

No entanto, é importante ressaltar que o impacto específico na economia da Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul pode depender de vários fatores, como a composição do setor econômico local, a intensidade da pandemia na região e as medidas adotadas pelo governo e pelas empresas locais para minimizar os impactos econômicos da pandemia.

Moraes (2020) afirma que outra forma de minimizar o espriamento do vírus foi o distanciamento social. Estas tentativas de barreiras, somadas aos grandes números de pessoas infectadas, hospitalizadas e vítimas fatais, durante 2019 a 2021, traz reflexões a cerca, também, do fluxo de trabalho nos diversos setores da economia brasileira.

Segundo Mattei e Heinen (2020), o trabalho formal vem decaindo no Brasil, desde 2014, atingindo o marco, em 2020, de 52,1% dos brasileiros em ocupações formais, fazendo necessário estudar os impactos (i)meditados da Covid-19. Por isso, o problema de pesquisa que guia este trabalho é: Qual o comportamento locacional e a concentração do emprego formal durante a pandemia da Covid-19, na Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM)?

Diante disso, este estudo analisa o comportamento locacional e a concentração do emprego formal nos subsetores econômicos da Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM), entre 2019 e 2021. A partir da observação do período pré pandemia da COVID-19 e os primeiros anos sem a vacina, compreendendo, então, os impactos laborais de variação e dinâmica do emprego dessa região.



No decorrer do trabalho, os termos região e Mesorregião são utilizadas como sinônimo de Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul, doravante GFM. Com isso, por fim, esse trabalho se divide em 5 seções, sendo essa introdução a primeira, seguida pela revisão de literatura na seção dois, pelos procedimentos metodológicos na seção 3, resultados e discussões na seção 4, considerações finais na 5 seguido das referências bibliográficas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As Mesorregiões Diferenciadas são espaços regionais de ações integradas de desenvolvimento endógeno que são criadas para o implemento de políticas públicas que visam o potencial intra e interregional e manutenção entre os diferentes níveis de governo, do municipal ao federal (Brasil, 2009; Demarco; Maia, 2015). Mesmo possuindo cerca de 396 municípios, a GFM tem sua zona urbana considerada baixa, sendo em sua maioria rural (Rusch, 2008).

Essa proporção da zona urbana é considerada comum, visto a história da hierarquia dos centros urbanos, no quesito de formação espacial do sul brasileiro, de sua especialização econômica, distribuição de atividades comerciais, organização de polos industriais e pendularidade laboral (Giovanini; Pereira; Almeida, 2022). Tendo zonas rurais mais abrangentes, não podem automaticamente configurar regiões de atraso de economia e/ou desenvolvimento, pois suas dinâmicas dependem dos rendimentos populacionais, boa parte oriundos das produções destinadas à exportação (Polèse, 1998).

Assim, a agroindústria brasileira, dentro dos setores industriais, também possui investimentos em conhecimento técnico para seu crescimento, com atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D) visando ganhos de competitividade e geração espacial de produção (GILBERT *et al.*, 2008). Gerando, modificações na geografia do trabalho, no impacto territorial, nas dinâmicas de estrutura e organização do mercado da mesorregião (Méndez, 2004).

Trazendo para o período 2019-2021, da Covid-19 no Brasil, pode-se entender que o impacto da contaminação na região Sul foi, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), significativo comparado ao restante do País. Enquanto, em 2020, o segundo maior percentual de pessoas infectadas com sintomas conjugados estava nos três estados do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), também eram com o rendimento médio real efetivamente recebido de todos os trabalhos das pessoas ocupadas,



respectivamente R\$ 2.559, R\$ 2.477, R\$ 2.581, sendo a média nacional à época de R\$2.205 (IBGE, 2023b).

No Brasil inteiro, enquanto o PIB dos setores de indústria e serviços caíram em 2019 e 2020, a agropecuária manteve-se positiva, já em 2021, os setores avançaram ao crescimento e a agropecuária retraiu por fatores edafoclimáticos (IBGE, 2022). A única atividade estável no período foi eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos.

O agronegócio brasileiro foi afetado pela pandemia da COVID-19, mas de maneiras diferentes em diferentes setores e regiões. Por um lado, alguns setores do agronegócio foram beneficiados pela crise sanitária, como a produção de grãos, que teve aumento na demanda internacional e alta nos preços, impulsionada pela desvalorização do real frente ao dólar. Além disso, o aumento da demanda por alimentos em geral e a maior preocupação com a segurança alimentar estimulou o consumo de produtos agropecuários (Schneider *et al.*, 2020).

Por outro lado, outros setores do agronegócio foram mais afetados, como a produção de carne bovina, suína e de aves, que sofreu com o fechamento de restaurantes e hotéis em todo o mundo e a redução do consumo desses produtos em geral. A cadeia produtiva desses setores também enfrentou desafios logísticos e de abastecimento, como a falta de insumos e os problemas de transporte durante a pandemia (Malafaia; Biscola; Dias, 2020). Além disso, a pandemia afetou a mão de obra no setor, uma vez que muitos trabalhadores rurais migrantes não puderam se deslocar para as áreas de produção devido às restrições de viagem e outras medidas de contenção da COVID-19.

Para analisar melhor o fenômeno sobre a mão-de-obra dentro desse recorte temporal, visibilizando a Grande Região Diferenciada da Grande Fronteira Do Mercosul para compreender as dinâmicas econômicas geográficas utilizar-se-á a análise do Quociente Locacional (QL) e o Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) a seguir.

3 METODOLOGIA

Este estudo se apresenta como de caráter descritivo e de abordagem quantitativa, e empregou como metodologia o Quociente Locacional (QL) e o Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) para analisar o comportamento locacional e a concentração do emprego formal nos subsetores econômicos da Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM), entre 2019 e 2021. Essas estimações têm o intuito de verificar a dinâmica e a atração do emprego formal nos subsetores econômicos da GFM antes (2019) e durante (2021) a



pandemia da Covid-19 em relação a região Sul do Brasil, pois a pandemia da Covid-19 afetou todas as atividades econômicas, principalmente, o emprego. Para Costa (2020), a Covid-19 impactou o mercado de trabalho brasileiro e a paralização das atividades produtivas ocasionou a demissão dos trabalhadores informais e formais.

Note que, como método quantitativo, não se consegue analisar os grupos de trabalhadores atingidos, grupos sociais e comunidades vulneráveis, mas sim as atividades praticadas por estes. De mesmo modo, não se deve esquecer dos trabalhadores informais que participaram, empiricamente, dessa pandemia (Barbosa; Costa; Hecksher, 2020).

Em seus estudos, Isard (1972) e North (1977) recomendam a utilização do QL na análise do comportamento locacional. De acordo com Alves (2022a), o QL mensura a especialização regional evidenciando os setores mais relevantes em relação à região de referência, pois ao estudar uma região é essencial verificar os fatores que impulsionam o seu dinamismo na atividade econômica nacional ou internacional, integrando-as como parte de um todo. Para Alves (2012), a participação percentual de pessoas ocupadas em uma região específica é comparada com a participação percentual da região de referência, assim, exibindo quantas vezes o setor da região é mais (ou menos) especializado em comparação a macrorregião de referência. Os resultados do $QL > 1$, indicam que o setor da região é especializado sobre a macrorregião de referência, contudo, o inverso ocorre quando com o $QL < 1$.

Por sua vez, o IHH mostra a concentração de um setor específico de uma região em relação a uma região de referência, posto que, há atividades que possuem um poder maior de concentração e atração em relação as demais, isto, é decorrente do seu perfil produtivo. Com relação a interpretação dos resultados do IHH, valores positivos evidenciam que o setor específico da região estudada sobre a região de referência está mais concentrado e com um poder maior de atração devido a sua especialização. Todavia, valores negativos apontam um poder menor de contração e atração em relação a região de referência (Alves, 2012).

As equações do QL e do IHH são exibidas no Quadro 1, bem como, a interpretação de seus resultados e os estudos que empregaram esses indicadores.

Quadro 1. Quociente Locacional (QL) e Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH)

Indicador	Equação	Interpretação dos resultados	Estudos que empregaram o indicador
Quociente Locacional (QL)	$QL = \frac{E_{ij}/E_{it}}{E_{tj}/E_{tt}}$	QL ≥ 1: localização significativa 0,50 ≤ QL ≤ 0,99: localização média	Ferrera de Lima <i>et al.</i> (2007), Piffer e Arend (2009), Mattei e Mattei (2017), Bechlin <i>et al.</i> (2020), Coelho Junior <i>et al.</i> (2020), Alves, Ferrera de Lima



		QL ≤ 0,49: localização fraca	e Piffer (2021), Castro <i>et al.</i> (2021), Alves (2022a; 2022b) e outros.
Hirschman-Herfindahl (IHH)	$IHH = \left(\frac{E_{ij}}{E_{it}}\right) - \left(\frac{E_{tj}}{E_{tt}}\right)$	IHH > 0 = poder de atração significativo IHH < 0 = poder de atração não significativo	Piccinini, Finamore e Oliveira (2011), Coelho Junior (2016), Santos e Souza Junior (2016), Sousa <i>et al.</i> (2017), Santos <i>et al.</i> (2019), Alves, Ferrera de Lima e Rippel (2020) e entre outros.
<p>Em que: E_{ij} = Emprego formal, do subsetor <i>i</i> da mesorregião GFM; E_{it} = Emprego formal, do subsetor <i>i</i> na região Sul do Brasil; E_{tj} = Emprego formal total, na mesorregião GFM; E_{tt} = Emprego formal total, na região Sul do Brasil;</p>			

Fonte: adaptado de Alves (2012).

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo utilizou os dados do emprego formal da base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) Vínculo (RAIS, 2023). Infere-se que os subsetores mais dinâmicos da GFM aumentem o emprego formal ao longo do tempo, assim, dispendo de uma maior concentração espacial e de uma maior atração em relação a região Sul do Brasil. O Quadro 2 exibe o subsetor de atividade econômica do IBGE.

Quadro 2. Subsetor de Atividade Econômica do IBGE

Setor Econômico	Subsetor
Secundário	1. Extração de minerais
	2. Indústria de produtos minerais não metálicos
	3. Indústria metalúrgica
	4. Indústria mecânica
	5. Indústria do material elétrico e de comunicações
	6. Indústria do material de transporte
	7. Indústria da madeira e do mobiliário
	8. Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica
	9. Indústria da borracha, do fumo, de couros, peles e prod. similares e ind. diversa
	10. Indústria química, de prod. farm., vet., de perfumaria, sabões, velas e mat. plást.
	11. Indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos
	12. Indústria de calçados
	13. Indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico
	14. Serviços industriais de utilidade pública
	15. Construção civil
Terciário	16. Comércio varejista
	17. Comércio atacadista
	18. Instituições de crédito, seguros e de capitalização
	19. Administradoras de imóveis, val. mobiliários, serv. téc. prof., auxiliar de ativ. eco.
	20. Transporte e comunicações
	21. Serv. de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão
	22. Serviços médicos, odontológicos e veterinários



	23. Ensino
	24. Administração pública direta e indireta
Primário	25. Agricultura: agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca

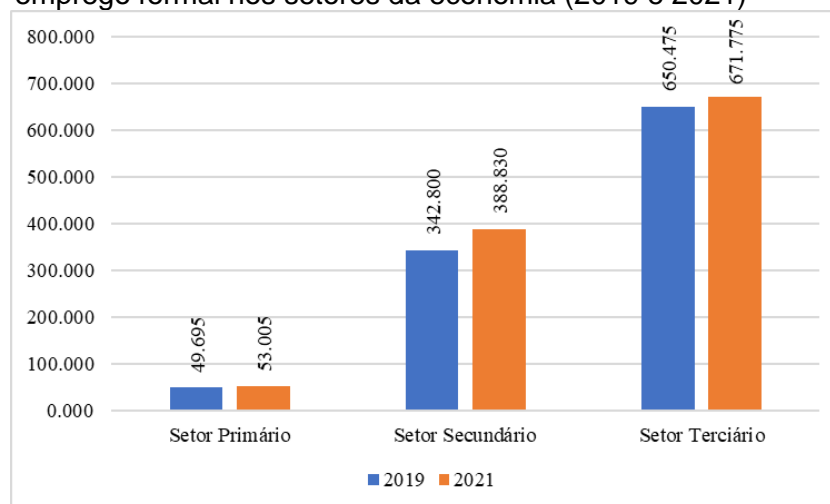
Fonte: adaptado de Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2023).

A seguir são apresentados os resultados e discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As informações do emprego formal nos setores primário, secundário e terciário da mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM) para 2019 e 2021 são exibidas no Gráfico 1.

Gráfico 1. Mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM): dados do emprego formal nos setores da economia (2019 e 2021)



Fonte: elaboração própria com dados da RAIS (2023).

Em relação ao Gráfico 1, em 2019 a GFM empregou 1.042.970 empregos formais, correspondendo 49.695 ao setor primário, 342.800 ao setor secundário e 650.475 ao setor terciário. No ano de 2021 os empregos formais equivaleram a 53.005 ao setor primário, 388.830 ao setor secundário e 671.775 ao setor terciário. A variação percentual (%) entre 2021 e 2019 foi de 7%, isto é, o emprego formal aumentou na GFM. Ao verificar essa variação percentual (%) nos setores da atividade econômica, o emprego formal cresceu 13% no setor secundário, 7% no setor primário e de 3% no setor terciário. Conforme Cargnin (2014), a estrutura produtiva dessa região está associada de modo intenso à agricultura familiar e à agroindústria.



A Tabela 1 apresenta os dados do emprego formal dos subsetores da GFM para 2019 e 2021.

Tabela 1. Mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM): dados do emprego formal nos subsetores (2019 e 2021)

Subsetor	Emprego (2019)	Part. (%)	Emprego (2021)	Part. (%)
1. Extração de minerais	1.325	0%	1.549	0%
2. Indústria de produtos minerais não metálicos	7.627	1%	8.794	1%
3. Indústria metalúrgica	15.800	2%	18.161	2%
4. Indústria mecânica	35.612	3%	46.986	4%
5. Indústria do material elétrico e de comunicações	5.134	0%	5.485	0%
6. Indústria do material de transporte	4.197	0%	5.016	0%
7. Indústria da madeira e do mobiliário	35.276	3%	40.078	4%
8. Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	12.515	1%	12.959	1%
9. Indústria da borracha, do fumo, de couros, peles e prod. similares e ind. diversa	7.262	1%	7.926	1%
10. Indústria química, de prod. farm., vet., de perfumaria, sabões, velas e mat. plást.	12.544	1%	14.676	1%
11. Indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos	21.518	2%	21.641	2%
12. Indústria de calçados	2.556	0%	2.277	0%
13. Indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico	134.896	13%	152.555	14%
14. Serviços industriais de utilidade pública	9.233	1%	9.554	1%
15. Construção civil	37.305	4%	41.173	4%
16. Comércio varejista	188.662	18%	192.403	17%
17. Comércio atacadista	51.378	5%	56.390	5%
18. Instituições de crédito, seguros e de capitalização	22.203	2%	23.716	2%
19. Administradoras de imóveis, val. mobiliários, serv. téc. prof., auxiliar de ativ. eco.	56.475	5%	66.171	6%
20. Transporte e comunicações	64.948	6%	68.922	6%
21. Serv. de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão	58.387	6%	53.731	5%
22. Serviços médicos, odontológicos e veterinários	40.396	4%	44.522	4%
23. Ensino	33.511	3%	31.543	3%
24. Administração pública direta e indireta	134.515	13%	134.377	12%
25. Agricultura: agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca	49.695	5%	53.005	5%
Total	1.042.970	100%	1.113.610	100%

Fonte: elaboração própria com dados da RAIS (2023).

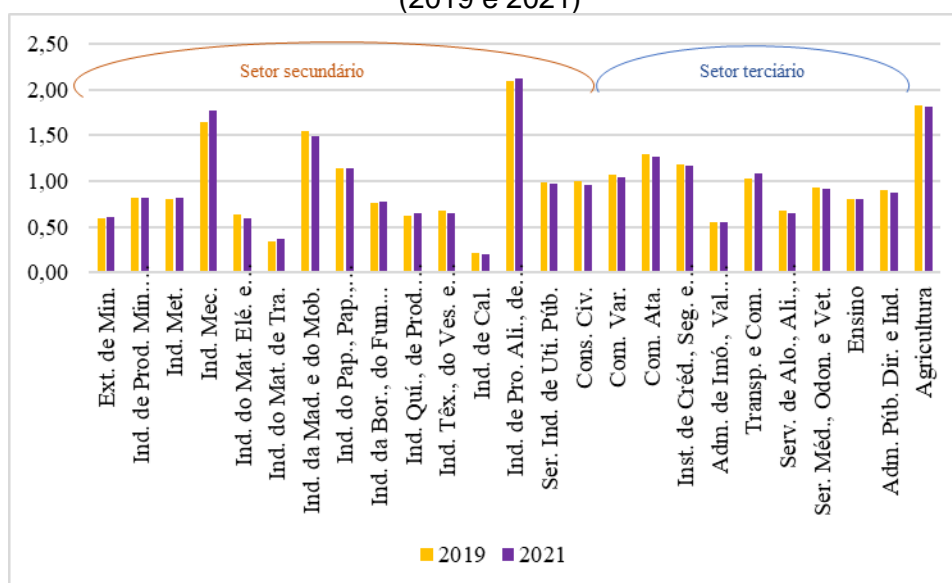


Na Tabela 1 é possível observar a participação dos subsetores na estrutura produtiva da mesorregião, em 2019 os subsetores que compõem o setor terciário exibiram a maior participação (62%), seguido do setor secundário (33%) e do setor primário (5%). No setor terciário os três subsetores com maior participação foram: comércio varejista (18%), administração pública direta e indireta (13%) e transporte e comunicações (6%). No setor secundário os três subsetores com maior participação foram: indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico (13%), construção civil (4%) e indústria mecânica (3%).

Ao analisar o ano de 2021 a participação dos subsetores na estrutura produtiva da GFM correspondeu a 60% ao setor terciário, 35% ao setor secundário e 5% ao setor primário. Os três subsetores com maior destaque no setor terciário foram o comércio varejista (17%), a administração pública direta e indireta (12%) e o transporte e comunicações (6%), no setor secundário foram a indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico (14%), indústria mecânica (4%) e a construção civil (4%). Para Ferrera de Lima e Eberhardt (2010), a GFM no decorrer do tempo está diminuindo as desigualdades intrarregionais essencialmente na geração do crescimento econômico pelo emprego formal, não exibindo diferenças significativas em relação a produtividade da mão de obra. Contudo, quando comparado a mesorregião sobre o Sul do Brasil, a GFM permanece divergente.

Os resultados do QL para os anos de 2019 e 2021 da GFM em relação a região Sul são apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2. Mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM): QL por subsetor (2019 e 2021)



Fonte: elaboração própria com dados da RAIS (2023).



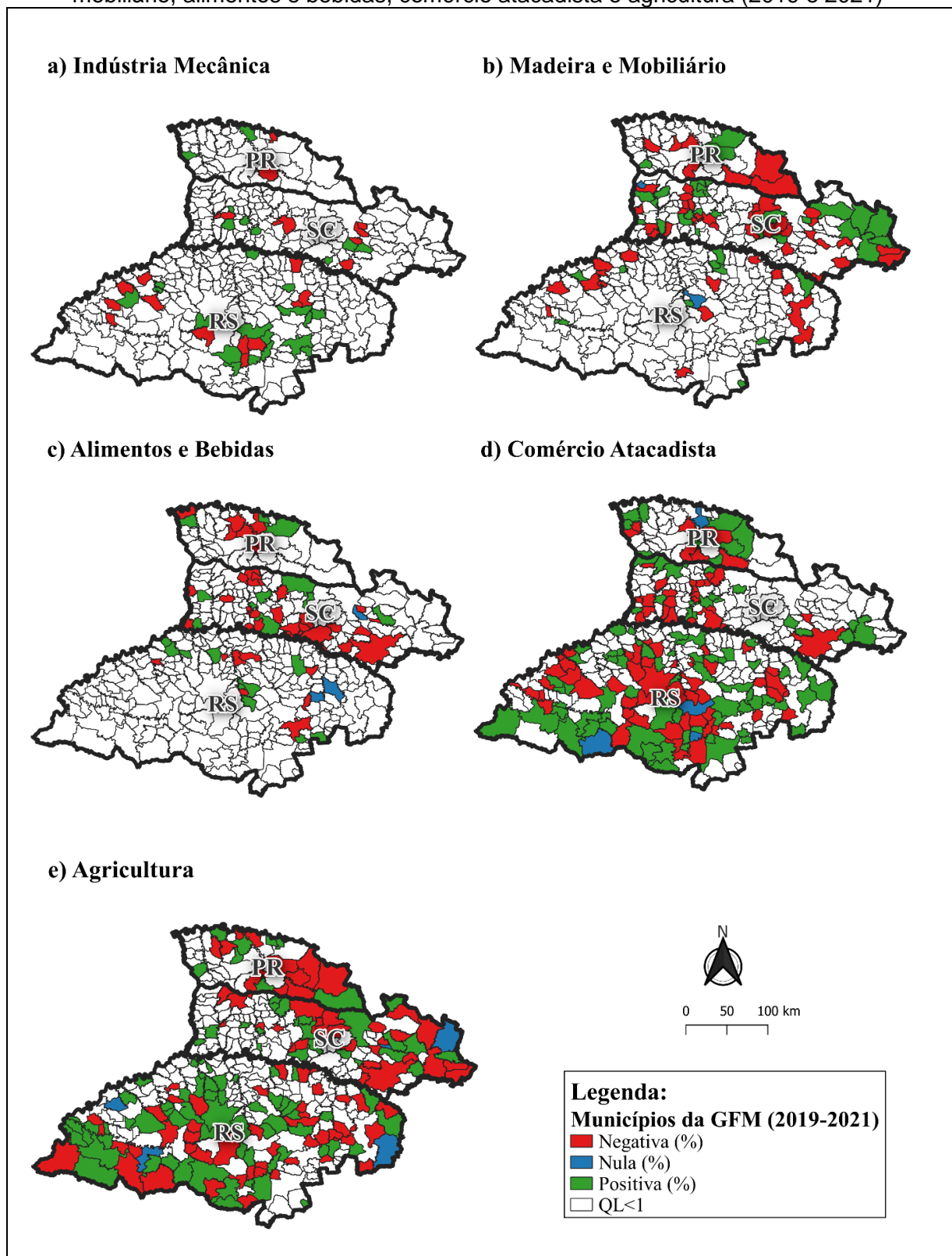
O Gráfico 2 mostra a dinâmica do emprego formal da mesorregião em relação ao Sul, evidenciando que o perfil locacional dos 25 subsetores, logo, as atividades dos subsetores com o $QL > 1$ são relativamente mais espacialmente concentradas na GFM acerca do emprego formal. Em 2019 os subsetores classificaram-se em localização: significativo (10), média (13) e fraca (2). Os subsetores com localização significativa foram: indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico (2,09), agricultura (1,82), indústria mecânica (1,64), indústria da madeira e do mobiliário (1,55), comércio atacadista (1,29), instituições de crédito, seguros e de capitalização (1,18), indústria do papel, papelão, editorial e gráfica (1,14), comércio varejista (1,07), transporte e comunicações (1,03), construção civil (1,00).

Em 2021 todos os subsetores que exibiram o QL significativos permaneceram nessa mesma classificação, exceto, a construção civil que passou de localização significativa (1,00) para média (0,96). O subsetor de indústria mecânica se destacou, pois aumentou o seu QL de 1,64 (2019) para 1,78 (2021). Já os subsetores da agricultura (-1%), instituições de crédito, seguros e de capitalização (-2%), comércio atacadista (-2%), comércio varejista (-2%) e indústria da madeira e do mobiliário (-4%) permaneceram significativos, porém, reduziram a concentração do emprego formal, sendo os setores da economia (secundário e terciário) mais impactados. Segundo o Ministério da Economia (ME, 2020), dez atividades econômicas foram afetadas pela pandemia, dessas, oito estão inseridas no setor de serviços e comércio e duas no setor industrial.

O Mapa 1 é composto pelo *ranking* do QL dos 5 melhores subsetores de 2019 e 2021. Realizou-se o QL dos municípios da GFM em relação a Mesorregião, seguido da variação (%) entre os anos (2019 e 2021) dos $QLs \geq 1$, contudo, os municípios com $QL < 1$ não foram analisados.



Mapa 1. Mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM): variação (%) dos QLs \geq 1 dos municípios em relação a GFM: subsetores da indústria mecânica, madeira e mobiliário, alimentos e bebidas, comércio atacadista e agricultura (2019 e 2021)



Fonte: elaboração própria com dados do IBGE (2023a) e da RAIS (2023).



No Mapa 1 analisa-se que o subsetor da Agricultura foi o que apontou a maior quantidade de QLs \geq 1, exibindo variação negativa (83), variação nula (5) e variação positiva (88), seguido do subsetor do Comércio Atacadista que contemplou variação negativa (79), variação nula (4) e variação positiva (88). Entre 2019 e 2021 houve uma maior variação positiva do QL nos subsetores da Madeira e Mobiliário (36), Comércio Atacadista (88) e Agricultura (88), ou seja, a dinâmica do emprego formal impulsionou a atividade econômica desses subsetores dos municípios quando comparados a Mesorregião. De acordo com Secretaria de Programas Regionais (2007), existem centros industriais na GFM, contudo, a agropecuária e a agroindústria são a base produtiva da região.

Ribeiro e Ferrera de Lima (2022), ressaltam que a GFM é dinâmica, porém, possui uma forte polarização e centralidade regional na região Norte do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina e Paraná por dispor de uma atividade econômica urbano-industrial forte. Nesses locais a força centrípeta potencializa o efeito multiplicador de criação de emprego, em razão da sua dinâmica econômica de aglomeração de pessoas nos polos. O IHH aponta o poder de concentração e atração (Tabela 2), assim, confirmando as informações obtidas sobre o comportamento locacional (QL) do emprego formal dos subsetores da GFM em relação a região Sul brasileira.

Tabela 2. Mesorregião diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM): IHH por subsetor (2019 e 2021)

Subsetor	(2019)	(2021)
Extração de Minerais	-0,05	-0,05
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	-0,02	-0,02
Indústria Metalúrgica	-0,02	-0,02
Indústria Mecânica	0,08	0,10
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	-0,05	-0,05
Indústria do Material de Transporte	-0,08	-0,08
Indústria da Madeira e do Mobiliário	0,07	0,06
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	0,02	0,02
Indústria da Borracha, do Fumo, de Couros, Peles e Prod. Similares e Ind. Diversa	-0,03	-0,03
Indústria Química, de Prod. Farm., Vet., de Perfumaria, Sabões, Velas e Mat. Plást.	-0,05	-0,05
Indústria Têxtil, do Vestuário e Artefatos de Tecidos	-0,04	-0,05
Indústria de Calçados	-0,10	-0,10
Indústria de Produtos Alimentícios, de Bebida e Álcool Etilico	0,14	0,14
Serviços Industriais de Utilidade Pública	0,00	0,00
Construção Civil	0,00	-0,01
Comércio Varejista	0,01	0,01
Comércio Atacadista	0,04	0,03
Instituições de Crédito, Seguros e de Capitalização	0,02	0,02
Administradoras de Imóveis, Val. Mobiliários, Serv. Téc. Prof, Auxiliar de Ativ. Eco.	-0,06	-0,06
Transporte e Comunicações	0,00	0,01
Serv. de Alojamento, Alimentação, Reparo, Manutenção, Radiodifusão e Televisão	-0,04	-0,04
Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários	-0,01	-0,01
Ensino	-0,03	-0,02



Administração Pública Direta e Indireta	-0,01	-0,02
Agricultura: Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extração Vegetal e Pesca	0,10	0,10

Fonte: elaboração própria com dados da RAIS (2023).

O IHH corrobora com os resultados do QL entre 2019 e 2021, mostrando que o emprego formal na mesorregião GFM possuem atração significativa em relação a região Sul em nove subsetores, sendo eles: indústria mecânica, indústria da madeira e do mobiliário, indústria do papel, papelão, editorial e gráfica, indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico, comércio varejista, comércio atacadista, instituições de crédito, seguros e de capitalização, transporte e comunicações e agricultura. A construção civil só apresentou poder de atração significativa em 2019, ou seja, em 2021 ela exibiu um poder de atração não significativo ratificando o resultado do QL de localização média para o mesmo ano. Esta alteração pode ser uma possível consequência pela Covid-19. Conforme Colares, Gouvêa e Costa (2021), a construção civil na pandemia sofreu um impacto significativo no início das restrições em 2020 passando por incertezas, contudo, conseguiu se recuperar por ser classificada como uma atividade essencial e pelo aumento da demanda por imóveis.

Observa-se que a agricultura que é um subsetor importante para o desenvolvimento econômico e regional da mesorregião, mas, há uma parcela significativa dos subsetores das atividades econômicas secundárias e terciárias na economia da região. Para Alves (2022b), normalmente as atividades primárias (agrícolas, pecuária, silvicultura, pesca e entre outras) constituem as bases econômicas das regiões novas, contudo, ao longo do tempo ocorrem transformações na dinâmica regional e essas bases mudam e incorporam valor devido aos encadeamentos e ao efeito multiplicador de renda e emprego dos setores secundário (indústria de transformação) e terciário (comércio e serviços). De acordo com o estudo de Ferrera de Lima e Eberhardt (2010), na GFM os locais que possui um Produto Interno Bruto (PIB) menos significativo dispõem de uma maior especialização econômica regional, isto é, o emprego formal não está distribuído de modo igual entre os setores econômicos. Todavia, os locais que possuem uma maior população e PIB *per capita* apontam atividades econômicas mais diversificadas, o que as deixam menos propensas as crises no setor primário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou o comportamento locacional e a concentração do emprego formal nos subsetores econômicos da Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul (GFM), entre 2019 e 2021. O Quociente Locacional (QL) e o Índice de Hirschman-Herfindahl



(IHH) foram a metodologia empregada, com a base de dados do emprego formal da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

O emprego formal entre 2019 e 2021 cresceu na GFM, exibindo maior concentração no setor terciário, seguido do setor secundário e primário. Ressalta-se que o setor de serviços tende a aglomeração de pessoas em centros urbanos independente do porte e de atividades muitas vezes personalizadas. Assim, sendo de maior visibilidade produtiva o comércio varejista, administração pública e o transporte e comunicações.

Os resultados do QL apontaram que as atividades mais espacialmente concentradas na Mesorregião sobre o emprego formal em 2019, permaneceram concentradas em 2021, com exceção do subsetor da construção civil que passou de localização significativa para localização média. No entanto, o subsetor da agricultura e alguns subsetores do setor secundário mesmo permanecendo com localização significativa diminuíram a concentração do emprego formal no período.

A análise do QL dos cinco melhores subsetores possibilitou analisar a concentração do emprego dos municípios em relação a GFM, os subsetores que exibiram maior variação positiva do QL foram a indústria mecânica, o comércio atacadista e a agricultura. Contudo, a Agricultura apresentou a maior quantidade de $QLs \geq 1$, isto é, esse subsetor compõe a base produtiva da região, pois está associada ao forte agronegócio da agricultura familiar e da agroindústria.

Os resultados do IHH corroboram com os resultados do QL, evidenciando a atração significativo do emprego formal em nove subsetores da atividade econômica em 2019, no entanto, em 2021 a construção civil foi o único subsetor que mudou a sua classificação de significativo para não significativo. Sendo assim, o setor da construção civil mostrou-se em uma tendência de recuperação, haja vista que, nesse perfil locacional os setores mais impactados foram o secundário e terciário com a pandemia da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. Especialização e estrutura produtiva na análise regional do estado do Paraná. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 26, n. 2, p. 9-29, jul./dez., 2022a.

ALVES, L. R. INDICADORES DE LOCALIZAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO REGIONAL. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. (orgs.). **Análise Regional: Metodologias e Indicadores**. Curitiba: Camões, 2012, p. 25-44.

ALVES, L. R. Localização e reestruturação da base de exportação das regiões imediatas do estado do Paraná-Brasil entre 2010 e 2020. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 26, n. 3, p. 416-438, edição especial: homenagem ao Prof. Dr. Moacir Piffer, 2022b.



ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J. RIPPEL, R. A LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS NO PARANÁ NO SÉCULO XX. **XVIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos 07 a 09 outubro**, encontro virtual, 2020.

ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M. A localização das indústrias de transformação no estado do Paraná. **X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva**, 15, 16, 17, 23 e 24 de setembro, p. 1-18, 2021.

BARBOSA, A. L. N. H.; COSTA, J. S.; HECKSHER, M. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: ampliação de desigualdades já existentes? Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.38116/bmt69/notastecnicas1>>.

BECHLIN, A. R.; MANTOVANI, G. G.; PIFFER, M.; SHIKIDA, P. F. A. Alterações na estrutura produtiva e no mercado de trabalho formal decorrentes da falência de uma agroindústria canavieira em Engenheiro Beltrão e Perobal (PR). **Informe GEPEC**, Toledo, v. 24, n. 2, p. 249-274, jul./dez., 2020.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-Regionais: PROMESO**. Brasília, 2009.

CARGNIN, A. P. Política nacional de desenvolvimento regional e repercussões no Rio Grande do Sul. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 19-35, jan./abr., 2014.

CASTRO, G. H. L., LEOCÁDIO, A. L. M.; RIBEIRO, M. R.; TELLES, T. S. Organização espaço-temporal da produção do café no Paraná. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 25, p. 109-132, Edição Especial: 58º Congresso da SOBER, 2021.

COELHO JUNIOR, L. M. Concentração regional do valor bruto de produção do Pinhão no Paraná. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 26, n. 3, p. 853-861, jul./set., 2016.

COELHO JUNIOR, L. M.; SANTOS JÚNIOR, E. P.; BORGES, L. A. C.; SILVA, M. L. Especialização e localização do valor bruto da produção dos produtos madeireiros nativos nas microrregiões da Paraíba (1994-2017). **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 192-204, jan./mar., 2020.

COLARES, A. C. V.; GOUVÊA, D. A. P.; COSTA, J. S. Impactos da pandemia da COVID-19 no setor da construção civil. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, jan./jun., 2021.

COSTA, S. S. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 969-978, jul./ago., 2020.

DEMARCO, S. M.; MAIA, C. M. O programa de promoção da sustentabilidade de espaços sub-regionais: um estudo de caso sobre a mesorregião Grande Fronteira do Mercosul. *In: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 12, n. 1, jan./jun. Faccat Taquara/RS, 2015.

DEVES, O. D.; RAMBO, A. G.; MIGUEL, L. A. Desenvolvimento neste "território". *In: Encontro de Economia Gaúcha* (4.: 2008, maio: Porto Alegre, RS). Anais do evento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30350/000676329.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C. A. O padrão de localização e de difusão da mão-de-obra na Região Sul do Brasil (1991-00). **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 189-224, jul., 2007.



FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P. H. C. Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul: perfil locacional do desenvolvimento regional. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2. p. 134-151, mai./ago., 2010.

GILBERT, B. A.; MCDUGALL, P. P.; AUDRETSCH, D. B. Clusters, knowledge spillovers and new venture performance: An empirical examination. **Journal of Business Venturing**, v. 23, n. 4, p. 405-422, 2008.

GIOVANINI, A.; PEREIRA, W. M.; ALMEIDA, H. J. F. Diversidade produtiva e crescimento econômico: algumas evidências para os municípios brasileiros, **Nova Economia**. v. 32, n. 3, p. 687-717, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2023a. **Malha Municipal**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/15774-malhas.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **O IBGE apoiando o combate à COVID-19**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PIB cresce 4,6% em 2021 e supera perdas da pandemia**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33066-pib-cresce-4-6-em-2021-e-supera-perdas-da-pandemia>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ISARD, W. **Méthodes d'analyse régionale**. Paris: Dunos, 1972.

MALAFAIA, G. C.; BISCOLA, P. H. N.; DIAS, F. R. T. Os impactos da COVID-19 para a cadeia produtiva da carne bovina brasileira. **Comunicado Técnico 154**, Brasília: Embrapa, 2020.

MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. In: **Revista de Economia Política**, v. 40, nº 4, pp. 647-668, outubro-dezembro/2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-31572020-3200>>.

MATTEI, T. F.; MATTEI, T. S. Métodos de Análise Regional: um estudo de localização e especialização para a Região Sul do Brasil. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 38, n. 133, p. 227-243, jul./dez., 2017.

MÉNDEZ, R. **Geografía económica: la lógica espacial del capitalismo global**. 2ª ed. Barcelona, ES: Editora Ariel, 2004.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (ME). 2020. **Ministério da Economia divulga lista dos setores mais afetados pela pandemia da Covid-19 no Brasil**. Disponível em: <<<https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/ministerio-da-economia-divulga-lista-dos-setores-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19-no-brasil>>>. Acesso em: 11 fev. 2023.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). 2023. Subsetor de Atividade Econômica – CNAE/80 (IBGE). Disponível em: <<<http://acesso.mte.gov.br/portal-pdet/o-pdet/o-programa/detalhes-municipio-7.htm>>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MORAES, R. F. **Medidas legais de incentivo ao distanciamento social: comparação das políticas de governos estaduais e prefeituras das capitais no Brasil**. Brasília, DF: Ipea; 2020.

MORAES, R. F.; SILVA, L. L.; TOSCANO, C. M. Covid-19 e medidas de distanciamento social no Brasil: análise comparativa dos planos estaduais de flexibilização. Brasília, DF: Ipea; 2020.



NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, J. (org.). **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977, p. 291-313.

PICCININI, F. J.; FINAMORE, E. B. M. C.; OLIVEIRA, G. Identificação e mapeamento de aglomerações produtivas no Rio Grande do Sul: um enfoque na região de produção. **Revista Cadernos de Economia**, v. 15, n. 28, p. 18-31, jan./jun., 2011.

PIFFER, M.; AREND, S. C. A agropecuária e as indústrias tradicionais no desenvolvimento regional paranaense no período de 1970 a 2000. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 13, n. 1, p. 107-122, jan./jun., 2009.

POLÉSE, M.; **Economia urbana e regional: lógica espacial das transformações econômicas**. Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 1998.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS). 2023. **Vínculos de empregos**. Disponível em: <<<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Repositório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. PÊGO, B.; *et al.* Pandemia e fronteiras brasileiras: análise da evolução da covid-19 e proposições, 2020. **Nota técnica nº 16**. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10039>>. Acesso em 12 jan. 2023.

RIBEIRO, L. A.; FERRERA DE LIMA, J. Centralidade e convergência no desenvolvimento municipal na Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul. **Desenvolvimento em Questão**, ano 20, n. 58, p. 1-20, 2022.

RIBEIRO, L. A.; STAMM, C. Mesorregião Diferenciada Grande Fronteira do Mercosul: um aporte para a literatura. **Geosul**, Florianópolis, v. 37, n. 82, p. 109-125, mai./ago., 2022.

RUSCH, F. **Processo de desenvolvimento mesorregional: o caso da mesorregião diferenciada mesomercosul**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, p. 139. 2008.

SANTOS, M. S.; SOUZA JUNIOR, W. D. O Comércio do Petróleo: Um Estudo da Estrutura de Mercado do Setor Petrolífero Brasileiro no Período de 2005 a 2014. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 20, n. 1, p. 98-115, jan./jun., 2016.

SANTOS, N. S.; OLIVEIRA, N. M.; LUZ, R. A.; RODRIGUES, W. DINÂMICA PRODUTIVA DA REGIÃO SUL MARANHENSE: UMA ANÁLISE COM BASE NOS INDICADORES DE LOCALIZAÇÃO. **IX Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais** Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro, p. 1-18, 2019.

SCHNEIDER, S; CASSOL, A. LEONARDI, A. MARINHO, M. M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. In: **Estudos Avançados**, av. 34 (100), p. 167-188, set./dez., 2020.

SECRETARIA DE PROGRAMAS REGIONAIS (SPR). Organização, desenvolvimento e sustentabilidade: os projetos que fazem o Brasil dar certo. **Revista Espaço Regional**, a.1, n.1, 2. Ed., junho de 2007. Disponível em: <https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/publicacoes/revista_espaco_regional_01.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2022.

SOUSA, R. B.; ALMEIDA, G. T.; OLIVEIRA, N. M.; LUZ, R. A ANÁLISE LOCACIONAL DA ESTRUTURA PRODUTIVA DA MICRORREGIÃO DE PORTO NACIONAL. **Revista Baru –**

2023

XI Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Desenvolvimento Regional
em tempos de emergência
climática: desafios e
oportunidades



Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
Dias 13, 14 e 15 de setembro de 2023
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
Universidade de Santa Cruz do Sul

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



PATROCÍNIO:



Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 191-209, jul./dez., 2017.

TOMÉ, Luciana Mota. Setor de turismo: impactos da pandemia. *In: Caderno Setorial ETENE*, ano 5, nº 124. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2020.